

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**LUCAS MENDES COSTA**

**GUERRAS HÍBRIDAS NA AMÉRICA DO SUL: NOVOS  
TIPOS DE CONFLITOS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

**CÁCERES-MT  
2021**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**LUCAS MENDES COSTA**

**GUERRAS HÍBRIDAS NA AMÉRICA DO SUL: NOVOS TIPOS DE  
CONFLITOS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Dr. Vinícius Modolo  
Teixeira

Coorientador: Dr. Evaldo Ferreira

**CÁCERES – MT**

2021

**LUCAS MENDES COSTA**

**GUERRAS HÍBRIDAS NA AMÉRICA DO SUL: NOVOS TIPOS DE  
CONFLITOS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

Essa Dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia, junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

Uberaba, 28 de novembro de 2021.

**Banca Examinadora**

---

Dr. Vinicius Modolo Teixeira  
Orientadora  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

---

Dr.  
Coorientador  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

---

Dr.  
Avaliador Interno  
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

---

Dr.  
Avaliadora Interna  
Universidade do Estado de Mato Grosso

**CÁCERES – MT**

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, aos meus pais que sempre acreditaram no meu sonho de ser professor e pesquisador.

Agradeço aos meus irmãos, que mesmo na distância são fundamentais para a minha vida.

À minha companheira de vida Mariana, a quem devo tanto pelo carinho e cuidado comigo.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), por me proporcionar uma educação de qualidade.

Aos meus orientadores, professor Dr. Vinícius Modolo Teixeira, pelos ensinamentos valiosos que pude aprender, e sobretudo pela amizade e paciência de sempre.

Aos professores do Programa do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo/Unemat).

Aos meus colegas de Mestrado, pelas lutas, brigas, cervejas e compartilhamento do aprendizado.

A professora Dr. Rita de Cássia Anselmo Martins, que me ensinou o caminho da pesquisa científica.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa pesquisa e que, por um lapso de memória, não incluí nesse agradecimento.

“Esta produção social do espaço material, esta valorização objetiva da superfície da Terra, esta agregação de trabalho ao solo, passa inapelavelmente pelas representações que os homens estabelecem acerca do espaço. Não há humanização do planeta sem uma apropriação intelectual dos lugares, sem

uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização subjetiva do espaço.” (MORAES, 2005)

### **SOBRE O AUTOR**

Lucas Mendes Costa é natural de Uberlândia, no interior do estado de Minas Gerais, onde cursou o ensino fundamental e médio. É graduado em Geografia (2012) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e atualmente, está concluindo esta pesquisa no Programa de Pós Graduação em Geografia da Unemat.

Atua como docente na rede pública do Ensino Básico do estado de Minas Gerais Grosso desde 2013, sendo titular da vaga na Escola Estadual América por meio de concurso público. Também desenvolve projetos educacionais nas áreas da Geografia Humana e Geopolítica, através da internet e das redes sociais.

## **RESUMO**

Esse projeto é fruto de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, cujo objetivo principal é desvelar o conceito de Guerra Híbrida e suas consequências na geopolítica do século XXI. Nesse trabalho, tanto a conceitualização de Guerra Híbrida, alimentada por vários autores nos últimos anos, e advinda do acúmulo de vários autores anteriores, quanto suas consequências práticas são trazidas à tona. A linha metodológica adotada é da Geografia Crítica, baseada no materialismo histórico e na dialética marxista. Contudo, outras linhas teóricas, sobretudo relacionadas ao pragmatismo filosófico e ao Realismo das Relações Internacionais também se fazem presentes no escopo da pesquisa. Também é parte fundamental deste trabalho a análise acerca do papel das novas tecnologias da informação, sobretudo a importância das redes sociais para os novos embates geopolíticos. Nesse sentido, a pesquisa busca compreender o que é Guerra Híbrida, como ela ocorre e se esse fenômeno se aplica a territórios na América do Sul. Espera-se desvelar qual o papel da internet, redes sociais e demais tecnologias da informação nos processos de reordenamento geopolítico na América do Sul.

Palavras-chave: Geopolítica, Guerra Híbrida, Revoluções Coloridas

## **ABSTRACT**

This work is the result of a master's research in development, whose main objective is to unveil the concept of Hybrid War and its consequences in the geopolitics of the 21st century. In this work, both the conceptualization of the Hybrid War, nourished by several authors in recent years, and arising from the accumulation of several previous authors, and its practical consequences are brought to light. The methodological line adopted is from Critical Geography, based on materialism and Marxist dialectics. However, other theoretical lines, especially related to philosophical pragmatism and the Realism of International Relations are also present in the scope of the research. It is also a fundamental part of this work to analyze the preponderant role of new information technologies, especially the importance of social networks for new geopolitical conflicts. In this sense, the research seeks to understand the role of Brazil and Venezuela in the face of the new dynamics of diffuse interventions and revolutions, gestated in cyberspace, whose objectives do not appear clear and actors usually remain veiled. It is a work that addresses classical issues of geographic thought and Geopolitics, however it also intends to update the debate to the new international and technological dynamics.

Keywords: Geopolitics, Hybrid Wars, Color Revolutions

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	.....
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	.....
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	.....
<b>3.1</b>	<b>Objetivo Geral</b>	.....
<b>3.2</b>	<b>Objetivos específicos</b>	.....
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA DA PESQUISA</b>	.....
<b>5</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODOLOGIAS</b>	.....
<b>6</b>	<b>CRONOGRAMA DE ATIVIDADES</b>	.....
<b>7</b>	<b>RESULTADOS ESPERADOS</b>	.....
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	.....
<b>6</b>	<b>CRONOGRAMA DE ATIVIDADES</b>	.....

## 1. INTRODUÇÃO

Os conhecimentos geográficos sempre tiveram posição relevante no planejamento de políticas de povos, cidades e Estados, mas especialmente a partir do século XIX, com o surgimento da Geografia moderna, essa relevância ganhou destaque e foi ampliada. Tosta (1984) percorre o caminho das teorias geopolíticas clássicas, mostrando como autores como Frederich Ratzel, Alfred Maham, Halford Mackinder, e outros ajudaram a moldar o desenvolvimento de suas nações a partir do crivo da Geografia Política e da Geopolítica.

Já no século XXI as dinâmicas territoriais e as disputas pelo poder no cenário internacional assumiram características cada vez mais complexas e difusas, novas maneiras de exercer influência e controle no espaço geográfico surgem associadas às ferramentas disponibilizadas pela globalização. A emergência do que Santos (2006) chamou de Meio Técnico-Científico-Informacional disponibilizou novos instrumentos que tem participado de forma central na dinâmica entre territórios e Estados.

São essas novas técnicas, sobretudo as ligadas a informação, como a internet, que por meio das redes sociais, fóruns, blogs, softwares, etc. passaram a reorientar o curso da política e dos conflitos no mundo contemporâneo.

Agora, os atores hegemônicos, armados com uma informação adequada, servem-se de todas as redes e utilizam-se de todos os territórios. Eles preferem o espaço reticular, mas sua influência alcança também os espaços banais mais escondidos. (SANTOS, 2006, p. 163)

É nesse contexto que a Geografia Política e a Geopolítica despontam de forma revigorada como fundamentais para compreensão da organização do espaço nacional, regional e mundial. Wanderley Messias da Costa comenta em seu livro Geografia Política e Geopolítica que um dos papéis fundamentais da ciência geográfica é “examinar e interpretar os nodos de exercício do poder estatal na gestão dos negócios territoriais e a própria dimensão territorial das fontes e das manifestações do poder em geral” (COSTA, 2016, p. 17).

Analisar, na contemporaneidade, as fontes cuja qual emanam as manifestações de poder não é tarefa fácil, uma vez que num mundo multipolar e globalizado, essas manifestações, mesmo quando perpetradas por governos ou forças armadas, podem ocorrer de forma a não seguir o padrão de violência convencional. Korybko (2018) aponta que o advento das armas nucleares tornou mais urgente a necessidade de maneiras indiretas de desestabilização, conflitos, guerras e ações entre Estados.

Esse fenômeno de perturbação indireta, sistemática, não convencional e fortemente ligada as novas dinâmicas informacionais é conhecido como Guerra Híbrida, e divide-se em dois grupos de ações principais, as “revoluções coloridas” e a “guerra não convencional”.

Quando ambas as ações são executadas de maneira progressiva e conjunta, abre-se o cenário para uma nova forma de pressão sobre os governos e Estados. Outro apontamento relevante é que para Korybko (2018) essa é uma abordagem que já vem sendo utilizada de forma padronizada, especialmente pelos Estados Unidos, para desestabilizar regimes rivais.

Se consideradas em conjunto em uma dupla abordagem, as revoluções coloridas e a guerra não convencional representam os dois componentes que darão origem à teoria da guerra híbrida, um novo método de guerra indireta sendo perpetrado pelos EUA. (KORYBKO, 2018, p. 15)

No bojo das Guerra Híbridas, especialmente as revoluções coloridas apresentam uma forte tônica de “combate informacional”, na qual o uso em massas de meios técnicos adequados (redes sociais, blogs, personalidades de relevância, etc.) pode literalmente sobrepujar a eficácia de exército inteiros.

Apesar de mais branda, essa abordagem oferece vantagens que não podem ser desprezadas por nenhum país na atualidade, sobretudo porque promete cumprir os objetivos estratégicos desejados, mas evita desgastes advindos da guerra convencional. Por esses motivos, a última década experimentou uma explosão de situações enquadradas na descrição sustentada por Korybko (2018) , com o início dessa “nova era das guerras” acontecendo em 2012, no bojo da Primavera Árabe. Nessa situação quase duas dezenas de governos do mundo árabe sofreram fortes desestabilizações e pressões populares, todas elas organizadas através dos meios técnicos

informativas, como as redes sociais.

Desse modo, a imposição de novos ordenamentos geopolíticos a partir do emprego de táticas de Guerra Híbrida apresentou o sentido do centro do capitalismo para sua periferia, com os Estados Unidos liderando as pressões contra regimes considerados indesejáveis. Milton Santos em “Por uma Outra Globalização – do pensamento único a consciência universal” explica que no atual estágio da globalização um seleto grupo de agentes, situados no centro do capitalismo detém prevalência sobre o uso das informações, em detrimento de agentes presentes na periferia do sistema.

“Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas 19 empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle. (SANTOS, 2001, p. 19-20)

O conflito indireto e cada vez mais assimétrico entre as potências capitalistas e os países situados na periferia do sistema é uma das tendências apontadas por Korybko (2018) em seu estudo. Nesse sentido, processos de guerras híbridas puderam ser observados contra vários Estados não alinhados aos interesses estadunidenses. Destacam-se a Síria (2011), Líbia (2014), Ucrânia (2005 e 2014), Brasil (2016), Venezuela (1999 – 2002 e 2013 – 2020) e Belarus (2020). Todos países na periferia do capitalismo, com regimes não inteiramente alinhados aos interesses estadunidenses e que passaram por situações de revoluções coloridas e/ou guerras não convencionais de forma intermitente ou perene.

No quadro latino americano a Venezuela destaca-se como principal Estado a vivenciar mudanças políticas radicais ao longo do fim do século XX e início do século XXI. Maringoni (2009) comenta que a ascensão de Hugo Chávez ao poder trouxe uma avalanche de mudanças no cenário político e social do país que passaram a ser combatidas com veemência pelos Estados Unidos, sobretudo por indicarem um sentido político antagônico a lógica neoliberal oficializada pelos estadunidenses no Consenso de Washington.

Chávez retirou a estatal Petróleos de Venezuela S. A. (PDVSA) das mãos da elite econômica que a controlava de forma subordinada aos interesses das grandes corporações internacionais. Ampliou, além disso, os direitos das populações indígenas e dos pobres no país. E não apenas interrompeu a senda privatista seguida pela maioria dos governos continentais, como deu início a um processo de reestatização e nacionalização de empresas e riquezas nacionais. (MARINGONI, 2009, p. 24)

A década que sucedeu a chegada de Hugo Chávez ao poder trouxe novas questões e aprofundou as contradições na Venezuela, com investidas do poder estadunidenses contra o regime, agora liderado por Nicolás Maduro.

Nesse contexto o Estado brasileiro passou a operar, juntamente com outros agentes, como um dos suportes de desestabilização do regime bolivarianista, principalmente a partir da chegada de Jair Bolsonaro ao poder em 2018. Observa-se a mudança na geoestratégia da política externa brasileira, de um movimento de integração regional, materializado em órgãos como a União das Nações Sulamericanas (UNASUL) e o Conselho de Defesa Sul-americano, para o fortalecimento das rivalidades regionais.

Teixeira (2013) apresenta como é complexa a tarefa de construir órgãos de cooperação regional da importância e magnitude como a UNASUL, e comenta como essas iniciativas tem enfrentado resistências e movimentos de dissuasão.

Mesmo tendo se estabelecido um mecanismo de cooperação entre todos os países, o Conselho de Defesa Sul-Americano, institucionalizado pelo processo de integração da UNASUL, o que tem se notado nos últimos anos é a ausência da cooperação em defesa entre os países da América do Sul, demonstrando iniciativas de dissuasão frente aos parceiros do subcontinente, tal qual era experimentado ao longo de todo o século XX. (TEIXEIRA, 2013, pág. 139)

Assim, o desordenamento dos organismos supranacionais na América do Sul passa pela influência em países centrais como a Venezuela e o Brasil. Esse movimento responde a interesses de agentes hegemônicos e só pode ocorrer se projetado de forma articulada e precisa. Por esse motivo o arranjo geopolítico entre Brasil, Venezuela e Estados Unidos assume cada vez mais importância para o ordenamento de todo o continente.

### **3. OBJETIVOS**

### **3.1 Objetivo Geral**

Elucidar o conceito de Guerra Híbrida e sua relevância para o campo teórico da Geopolítica, bem como compreender a presença desse fenômeno na dinâmica internacional, e sobretudo na América do Sul, atualmente.

### **3.2 Objetivos Específicos**

Averiguar o papel da tecnificação do território para o desenvolvimento de novos modelos de ação geopolíticos. Perceber como funcionam os novos espaços de atuação geopolítica, como o ciberespaço, a internet e as redes sociais. Por fim, desvelar como o território brasileiro e venezuelano estão se inserindo nessa reorganização geopolítica, orientada pelas novas tecnologias informacionais.

## **4. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA**

Além da crescente massa crítica que está surgindo sobre o tema desse trabalho nos meios acadêmicos nas últimas décadas, o debate social acerca do que é Guerra Híbrida e qual o papel do Brasil nessa dinâmica também começa a ganhar espaço na mídia *mainstream*, o que denota uma crescente preocupação social com o assunto. Além disso, a Guerra Híbrida é tema oficialmente tratado por vários Estados Nacionais na atualidade, dentre eles, Estados Unidos, Rússia, China e Venezuela.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

As Guerras Híbridas são uma nova modalidade de conflito surgido no século XXI, fruto da atual dinâmica internacional, inaugurada no período pós-Guerra Fria. O termo “Guerra Híbrida” foi sugerido pela primeira vez pelo teórico norte-americano Robert G. Walker, em 1998 (BARBOSA, 2020), mas tornou-se popular a partir de 2007, com a publicação de “*Conflict in the 21<sup>o</sup> Century: The Rise of Hybrid Wars*” de Frank Hoffman.

Desde então, esse conceito vem sendo paulatinamente construído por vários autores, com posições e análises bastante variadas. Além disso, a ideia de Guerra Híbrida se soma, e por vezes até se confunde, com outras ideias na esteira das nomenclaturas designadas para descrever as novas tendências nos

cenários de guerra e conflitos geopolíticos surgidas a partir da virada do milênio.

Desse modo, a ideia de Guerra Híbrida é ao mesmo tempo cumulativa e paralela a vários outros conceitos contemporâneos, como: “guerras irregulares”, “guerra sem limites”, “guerra não convencional”, “guerra não-linear”, “guerra assimétrica”, “guerra composta” e “guerras de quarta geração”. Naturalmente, todos esses conceitos tem significados diferentes, mas também possuem a característica incomum de tentar iluminar e atualizar o comportamento dos agentes internacionais diante da Globalização e da Nova Ordem Mundial. A queda do Muro de Berlim, o fim da União Soviética, o aparente triunfo do liberalismo estadunidense, tudo isso inaugurou um novo momento na dinâmica internacional, na qual os Estados, tradicionais agentes da geopolítica, convivem com uma miríade de organismos supranacionais, exércitos irregulares e grupos terroristas, tudo isso, diante de uma profusão de novas tecnologias informacionais.

Contudo, a Guerra Híbrida é não só uma terminologia semelhante a várias outras na atualidade, trata-se de uma nova abordagem adaptativa, oriunda do acúmulo de teorias geopolítica clássicas com o de teorias modernas, que por sua vez estão ancoradas em objetivos tradicionais de grandes Estados. Nesse sentido, as ideias de autores como Mahan, Mackinder, Pilsudski, Spykman, Brzezinski, Lind, Warden, Boyd, Mann e outros, foram somados e revisadas para o mundo da globalização e das redes sociais.

Nesse sentido, o conceito vem sofrendo adaptações desde Hoffman (2007), que trazia o elemento da sobreposição de vários tipos de conflitos (guerra convencional, irregular, terrorismo) como central para o enquadramento da ideia. “Kofman e Rojansky (2015) incluem na sua conceituação de guerra híbrida, além dos aspectos levantados por Hoffman (2007), o elemento da guerra de informação” (PICCOLLI; MACHADO; MONTEIRO, 2016, p.4)

Para Korybko (2018) a guerra híbrida trata-se uma forma de choque indireto, que envolve Estados e agentes de natureza privada, e que configura também um novo campo de pesquisa para estudiosos da Geopolítica, Ciência Política e Relações Internacionais. Baseia-se especialmente em dois pilares que serão devidamente abordados mais a frente nesse artigo, as ideias de “Revolução Colorida” e a “Guerra Não Convencional”.

No final da década de 1980, o general norte-americano William S. Lind, junto com outros oficiais das forças armadas dos EUA, introduziram o conceito de guerras de quarta geração, referindo-se as novas características dos conflitos que surgiam no período. Essa ideia agregou a noção temporal e geracional as guerras, delimitando períodos e características que marcaram cada época, desde o Tratado de Vestfália em 1648. (LIND; NIGHTENGALE; SCHMITT; SUTTON; WILSON, 1989)

Os defensores do conceito convergem relativamente às principais características da 4ª geração de guerras, que se caracteriza por um esbatimento das fronteiras entre a guerra e a paz, e por um regresso à conflitualidade típica da era pré-moderna, com o estado-nação a perder o monopólio da ação militar, devido ao envolvimento de atores não-estatais (como grupos de guerrilha, grupos insurgentes, terroristas, etc.) (MONTEIRO, 2017, p.5)

Todas essas características estão presentes tanto nas guerras de quarta geração, quanto nas guerras híbridas, apontando para o fato de que ambas formulações ilustram de forma complementar o cenário de conflitos na atualidade. Seguindo a linha teórica de Lind, Thomas Hammes atualizou essas ideias associando a questão informacional na nova dinâmica de conflitos (HAMMES, 2005)

[...] formas evoluídas de insurreição que “utilizam todas as redes disponíveis – políticas, económicas, sociais e militares – para convencer os decisores políticos inimigos de que os seus objetivos estratégicos são inalcançáveis ou demasiado custosos, quando comparados com os benefícios percebidos” (MONTEIRO, 2017, p.6)

Ou seja, de maneira resumida, os dois modelos teóricos visam destacar formas de ação indireta, marcadas pela presença de exército irregulares e grande fluidez informacional. É por isso que Korybko (2018) designa a guerra híbrida como a “epítome das guerras de quarta geração”. Com isso, o autor aponta para o fato de que a guerra híbrida é uma designação menos ampla e mais embricada a realidade do século XXI, especialmente porque considera a prevalência das redes sociais como ferramentas de ação geopolítica, algo que não existia quando Lind ou Hammes descreveram suas ideias.

Do ponto de vista prático, o interesse no emprego desse tipo de ação é justificado por vários motivos, especialmente a possibilidade de impor

dificuldades a um determinado Estado-alvo a partir de baixos custos políticos e econômicos. Como as ações de guerra híbrida não focam em desembarque de tropas, bombardeios ou demonstrações explícitas de força, são difíceis de serem detectadas e entendidas, e por isso assumem um caráter “velado”. Trata-se de um modelo de ação indireta, difusa, de difícil detecção e dissuasão. Não à toa, esse tipo de tática ganha força durante a emergência de um mundo multipolar, que impõe novas condições para os conflitos internacionais.

Se por um lado a nova dinâmica geopolítica entre os Estados está longe de ser harmônica ou pacífica, por outro, a existência de organismos supranacionais que visam impor limites aos grandes poderes, a paridade nuclear (presente pelo menos entre russos e estadunidenses mas com crescente importância da China), o latente poder econômico oriundo da Ásia, o fortalecimento de novas Organizações de Cooperação em Defesa (TEIXEIRA, 2021) e o crescente papel das mídias sociais frente a opinião pública, fazem das abordagens indiretas ou veladas cada vez mais atrativas para as ações das grandes potências, sobretudo para os Estados Unidos, que no momento vê sua influência no mundo ser erodida por outros atores.

O custo financeiro, político e social de se iniciar guerras abertas nunca foi o suficiente para frear a existência desse tipo de conflito, mas as últimas décadas viram o surgimento desses novos modelos de ação, que garantiram a possibilidade de mitigar perdas humanas do lado do agressor ao mesmo tempo que objetivos estratégicos são realizados.

Se o período pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado pela “crise da geopolítica clássica” (VISENTINI, 2016), o atual momento, de grandes mudanças no cenário internacional, abre espaço para renovações no campo da Geopolítica. Essas novas teorias tem o papel de oxigenar as análises diante da complexidade do mundo atual. É nesse sentido, que o conceito de guerra híbrida ganha grande importância, já que essa prática busca abarcar o conjunto das teorias geopolíticas clássicas e atualizá-las para o momento atual de arranjo institucional entre os Estados, marcado pela presença massiva da internet e redes sociais.

## **5. MATERIAIS E MÉTODOS OU METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para a realização desse trabalho tem como base a revisão bibliográfica de trabalhos oriundos da Geografia Política, Geopolítica, Relações Internacionais. Desse modo, livros, artigos de revista científicas e sítios de jornais serão utilizados como fontes de investigação como pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, o projeto busca fazer uma varredura dos trabalhos que já contribuem com essa temática de forma direta ou indireta.

Estarão presentes também nessa pesquisa, protocolos legais adotados por governos que se relacionem ao assunto, disponíveis sobretudo nos sítios oficiais dos Estados analisados. Nesse sentido, o sítio oficial do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, bem como o sítio da Secretaria de Estado dos Estados Unidos (e homólogos em outros países), são fontes de documentação relevante sobre o assunto.

Empresas Transnacionais, ligadas ao setor das telecomunicações e da segurança privada internacional, que disponham de documentação relevantes ao tema também serão alvo de escrutínio.

Além disso, materiais como, dados, tabelas, gráficos e análises, disponibilizados periodicamente por organismos especializados em temáticas relacionadas à Geopolítica ou áreas afins serão utilizados. Centros de pesquisa acadêmica, *think tanks*, organismos de *research* de dados internacionais, compõe esse arcabouço. Dentre esses, alguns já levantados são: *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)*; Statista; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fundo Monetário Internacional (FMI); Banco Mundial; dentre outros. Por fim, fontes da imprensa nacional e internacional também compõe a fundamentação para as formulações desse trabalho.





## 7. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que com esse trabalho possamos colocar em evidência o papel dos novos espaços virtuais para a dinâmica geopolítica atual, bem como o papel das técnicas da informação para o engajamento dos Estados nacionais nas disputas internacionais do século XXI.

Especialmente esse trabalho tem como resultado esperado uma análise crítica sobre a evolução da posição brasileira no cenário internacional, ao longo das últimas três décadas, diante desse novo cenário de globalização, multipolaridade e fluidez informacional.

## 8. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre Henrique Batista. **A desinformação como ferramenta da guerra híbrida**. Tese (Doutorado em Política e Estratégia Marítimas) – Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro, p.110. 2020.

BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HAMMES, Thomas X. “**War Evolves into the Fourth Generation**”, Contemporary Security Policy, Volume 26, Issue 2, August 2005, p. 190. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13523260500190500>>

KORYBKO, ANDREW. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. 2018. São Paulo, Editora Expressão Popular.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

LIND, William S., NIGHTENGALE, Keith., SCHMITTS, John F., SUTTON, Joseph W., WILSON, Gary I. “**The Changing Face of War: Into the Fourth Generation**”, Marine Corps Gazette, Vol. 73, N.º 10, October 1989, pp. 22-26. Disponível em: <<https://globalguerrillas.typepad.com/lind/the-changing-face-of-war-into-the-fourth-generation.html>>

MACKINDER, H. J. O pivô geográfico da história. **GEOUSP Espaço e Tempo**

(Online), [S. l.], v. 15, n. 1, p. 88-100, 2011. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74189. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74189>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MARINGONI, Gilberto. **A Revolução Venezuelana**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MONTEIRO, Luís Nuno da Cunha Sardinha. Guerras de 4º geração. **Revista Militar**, Rio de Janeiro, n 2591, p. 1001-1014, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigo/1288>>

MORAES, Antonio Carlos Robert. de. **Ideologias Geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da Mudança?** As Revoluções Coloridas e seus reflexos na política externa. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p.139. 2009. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17460/1/Felipe%20Afonso%20Ortega.pdf>>

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Moacir Nunes e; MARTIN, André Roberto. **Da balcanização à "balcanização"**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001477613>>

TEIXEIRA, Vinicius Modolo. **A cooperação em defesa na América do Sul como base para a integração do continente**. 2013. 245 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

TEIXEIRA, Vinicius Modolo. **A relevância da teoria do poder terrestre para geopolítica atual**, In: FOLMER, Ivano; MEURER, Ane Carine; ARAÚJO, Gilvan C C de; SUZUKI, Julio César. **Geopolítica: Poder e Território**. São Paulo, FFLCH/USP, 2021

TOSTA, Octávio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro - RJ: Biblioteca do Exército, 1984

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. 5ª edição. São Paulo/SP: Editora Contexto, 2016.

